

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Curso de Especialização em Psicologia Clínica: Gestalt-Terapia e Análise
Existencial

Bianca Pessoa Costa

HOMEM MACHO MACHUCADO:
a relação entre o sofrimento de homens e os padrões da masculinidade
hegemônica na perspectiva da Gestalt-Terapia

Belo Horizonte
2022

Bianca Pessoa Costa

**HOMEM MACHO MACHUCADO:
a relação entre o sofrimento de homens e os padrões da masculinidade
hegemônica na perspectiva da Gestalt-terapia**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Psicologia Clínica: Gestalt-terapia e Análise Existencial da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Psicologia Clínica.

Orientador(a): Saleth Salles Horta

Belo Horizonte
2022

150 C837h 2022	<p>Costa, Bianca Pessoa</p> <p>Homem macho machucado [recurso eletrônico] : a relação entre o sofrimento de homens e os padrões da masculinidade hegemônica na perspectiva da gestalt-terapia / Bianca Pessoa Costa. – 2022.</p> <p>1 recurso online (36 f.) : pdf</p> <p>Orientadora: Saleth Salles Horta.</p> <p>Monografia apresentada ao curso de Especialização em Psicologia Clínica: Gestalt-terapia e Análise Existencial - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.</p> <p>Inclui bibliografia.</p> <p>1. Masculinidade. 2. Gestalt-terapia. 3. Sofrimento</p> <p>I. Horta, Saleth Salles. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.</p> <p>III. Título.</p>
----------------------	--



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA: GESTALT-TERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL

Folha de Aprovação

HOMEM MACHO MACHUCADO: a relação entre o sofrimento de homens e os padrões da masculinidade hegemônica na perspectiva da Gestalt- Terapia
BIANCA PESSOA COSTA

monografia defendida e aprovada, no dia **oito de dezembro de 2022**, pela Banca Examinadora designada pelo Colegiado do CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA: GESTALT-TERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL da Universidade Federal de Minas Gerais constituída pelos seguintes professores:

Saleth Salles Horta - Orientadora FAFICH/UFMG

Maria Madalena Magnabosco FAFICH/UFMG

Belo Horizonte, 07 de junho de 2023.

Profª. Drª. Claudia Lins Cardoso Coordenadora do Curso



Documento assinado eletronicamente por **Valteir Gonçalves Ribeiro, Chefe de seção**, em 07/06/2023, às 09:37, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Claudia Lins Cardoso, Professora do Magistério Superior**, em 07/06/2023, às 09:46, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2369643** e o código CRC **0E408435**.

Dedico esse trabalho às vidas que tanto me inspiraram ao
confiarem em mim suas dores.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por me amparar ao longo do trajeto e me agraciar com o alcance de mais essa conquista.

À minha família, por nunca me deixar faltar apoio e esperança, independentemente da missão ou obstáculo que eu enfrente.

Aos colegas de turma com quem tive encontros valiosos ao longo dessa caminhada.

À minha amiga Aline, que foi minha parceira de viagem desde a inscrição no processo seletivo desse curso, e aos amigos Gabriel, Letícia, Rafael e Victória, que cruzaram meu caminho nesse ciclo. Os levo comigo a partir daqui com muita gratidão.

Agradeço aos amigos que já eram parte da minha vida e me incentivaram a embarcar na jornada da especialização. Obrigada pela força incondicional que me entregaram ao longo de todo percurso.

E, por fim, aos professores por compartilharem seus conhecimentos e experiências ao longo do curso e contribuírem tanto para meu crescimento profissional.

“Não podemos mudar em nada nosso passado, não podemos desfazer os males que nos foram imputados na infância. Mas podemos nos mudar, “consertar”, reconquistar nossa integridade perdida.”

(Alice Miller, O Drama da Criança Bem Dotada, 1997).

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo entender a relação existente entre os ideais da masculinidade hegemônica e o sofrimento psíquico dos homens à luz da Gestalt-terapia. Utilizou-se uma metodologia descritiva para realizar o trabalho correspondendo aos objetivos e, quanto aos meios, a fundamentação metodológica buscada foi a pesquisa bibliográfica com um levantamento não sistematizado. Foi possível compreender como o conceito de masculinidade hegemônica é construído na vida do indivíduo a partir da sua relação com o contexto no qual está inserido. A existência de uma pluralidade nas expressões das masculinidades também se ressaltou nesse estudo, o que refuta a ideia de haver um jeito certo de ser homem. Assim, concluiu-se que o sofrimento se mostrou existente tanto aos homens que correspondem aos padrões de masculinidade quanto aos que contrariam. Ressalta-se a necessidade de estudos futuros que proponham olhares sobre uma conscientização acerca do ser homem, de forma que uma reaproximação dos sujeitos com suas autenticidades seja facilitada.

Palavras-chave: Masculinidade hegemônica. Gestalt-terapia. Sofrimento humano.

ABSTRACT

The present study has as objective to understand the relation between the ideals of masculinity hegemony and the psychological distress of the men in the light of Gestalt-Therapy. It was used a descriptive methodology to achieve the study results corresponding to the objectives and, as for the means, the methodological tool seek was the bibliographic search with a non systematized data collection. It was possible to understand how the concept of the masculinity hegemony is built on the individual's life according to the relation with the context which is insert in. The existence of a plurality in the expressions of masculinity also stood out in this study, which refutes the ideia that it has a right way of being a man. Furthermore, it was concluded that the suffering was proved to exist to the men that corresponds to the standards of masculinity and also to the ones that contradict it. It must be observed the need of further studies that come up with awareness observations about being a man, in a way that the rapprochement of the individuals with their authenticities can be facilitated.

Key words: Masculinity Hegemony. Gestalt-Therapy. Human Suffering.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 SOFRIMENTO PSÍQUICO À LUZ DA ABORDAGEM GESTÁLTICA.....	12
3 O CONCEITO DE MASCULINIDADE HEGEMÔNICA	18
4 IMPACTOS DA MASCULINIDADE HEGEMÔNICA NOS HOMENS	25
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
REFERÊNCIAS.....	34

1 INTRODUÇÃO

Eu fico zozzo, fico triste
Fico pouco, fico escroto
Eu sigo à risca o que é ser homem
Isso não existe, a vida insiste
O tempo todo que eu repense

O que é ser homem?
O que é ser homem?
O que é ser homem?

O que é ser homem?
O que é ser homem?

Há tantos e tantos
E tantos e tantos e tantos
Possíveis homens
(Tiago Iorc, 2021)

A temática sobre os gêneros se destaca em contextos diversos e várias compreensões sobre o masculino e feminino surgem. São crescentes os movimentos que questionam as raízes dessas definições e como elas se constituíram, parecendo haver uma correlação com as aparências biológicas e um trabalho coletivo de biologização do social (BOURDIEU, 2002). Conseqüentemente, esses conceitos guardam significações em suas bases e vidas são por eles perpassadas.

Cada ângulo da díade ser mulher *versus* ser homem se sustenta em aparatos, que já não são tão rígidos atualmente se comparados a outros momentos da história geral. O que, por exemplo, no século passado era considerado coisa de homem ou coisa de mulher, hoje já não assume necessariamente esse caráter definitivo. Apesar de concepções alteradas que se direcionam a novos rumos, a sobreposição do homem à mulher ainda é uma constante que provoca desarranjos e desconfortos em contextos diversos.

Historicamente, é conhecido o papel revolucionário da mulher em lutas e reformas para retomarem direitos dos quais foram privadas (CAVALCANTI, 2005). Porém, a soberania masculina anula os feitos femininos e a mulher recebe a ilustração de sexo frágil, sinônimo de indefesa e ser dependente de um cuidador para enfrentar os perigos do mundo (BOURDIEU, 2002). Do outro lado, o lugar de fortaleza é ocupado pelo homem, que, conforme sustenta-se em sociedade, está pronto para proteger.

As definições assumem formato e ganham contorno por uma alongada linha do tempo. As propostas que convidam a novos olhares, apesar de estarem se consolidando, ocupam um lugar desigual se comparadas ao tempo pelo qual os conceitos sobre o que é ser um homem e o que é ser uma mulher se enraízam na sociedade. Com o poder dos movimentos feministas, muito se tem desconstruído na atualidade no que tange a liberdade e autonomia feminina para ser e viver genuinamente. Todavia, muros em torno do gênero masculino, que se fundam nos padrões do ser homem, ainda são extensos. É partindo desse ponto que o conceito de masculinidade hegemônica aguça o desejo por uma perspectiva de atenção e compreensão ao gênero masculino por meio deste trabalho.

Se, por um lado, se tem a masculinidade hegemônica definindo e cobrando do homem um papel estereotipado e rígido em padrões, por outro, lida-se com o quão diversas são as expressões das masculinidades, o que se traduz em nem todo homem correspondendo tais ideais. Considerando o ser humano como existente no campo, pensa-se como tal contexto chega na sua fronteira de contato e como é o impacto a partir da sua relação com o mundo. Afinal, é na fronteira que ocorrem os fatos e as mudanças se concretizam (MORAES; D'ACRI, 2014)

Partindo desse recorte, surge a inquietação sobre o sofrimento vivido pelos homens inseridos nesse cenário. Assim sendo, buscou-se a partir desse estudo responder a seguinte questão: qual a relação entre os ideais da masculinidade hegemônica e o sofrimento dos homens? Pretendeu-se seguir a perspectiva teórica da Gestalt-terapia como direcionamento no rastreio de respostas a este questionamento.

O interesse por esse tema surgiu a partir da prática clínica da autora, na qual a recorrência de clientes homens com questões que perpassam o conceito de masculinidade hegemônica se fez presente. Para uma leitura que favoreça a compreensão do tema, o trabalho será dividido em três tópicos. No primeiro, será

contextualizado o sofrimento psíquico à luz da Abordagem Gestáltica, com a compreensão dos pressupostos que embasam a teoria. Posteriormente, o segundo capítulo abordará o conceito de masculinidade hegemônica, com a compreensão sobre como ele se estabelece no meio social e infere sobre as existências masculinas. Por fim, no terceiro, será discutido o sofrimento dos homens ao serem atravessados pela padronização da vivência da masculinidade. Diversos estudos compõem esse trabalho, destacando-se as teorias de Raewyn Connell & James Messerschmidt, Alice Miller e Walter Ribeiro, que estão no centro das discussões.

2 SOFRIMENTO PSÍQUICO À LUZ DA ABORDAGEM GESTÁLTICA

Para falar sobre o sofrimento psíquico, é preciso entender inicialmente como se organiza o lugar de onde se fala: o lugar da Gestalt-terapia. Seu surgimento está entrelaçado ao propósito de não mais centralizar na psicoterapia a busca pela cura, como sustentavam a psicanálise e o behaviorismo, teorias dominantes da época em que a Abordagem Gestáltica se consolidou. Foi nessa direção que as ideias construídas por Fritz Perls, enquanto esteve na África do Sul, se enriqueceram com os debates do Grupo dos Sete, formado por Isadore From, Paul Goodman, Paul Weisz, Sylvester Eastman, Elliot Shapiro, Laura Perls e, claro, Frederick Perls. Elas ganharam forma no livro “Gestalt-therapy: Excitement and growth in the human personality”, que marca o nascimento da abordagem, ocorrido há 70 anos (FRAZÃO, 2013a).

A Gestalt-terapia germinou de um contexto humanista, mas as suas bases também estão fundadas na fenomenologia e no existencialismo. A fenomenologia, a partir das contribuições de Husserl, convida ao movimento de abrir mão dos pressupostos e, assim, chegar “às coisas mesmas”. Essa atitude de *epoché*, ou redução fenomenológica, parte do princípio de que é preciso “colocar entre parênteses” hipóteses, especulações e realidades do senso comum, para que o sentido das coisas seja apreendido e se entre em contato com a singularidade de cada fenômeno. Sua interferência na Gestalt-terapia está atrelada à maneira como a abordagem propõe olhar para o homem, sempre com unicidade e originalidade, como pontua Rehfeld (2013). Faz-se necessário abdicar de qualquer definição a priori e sair do lugar em que se sustenta uma visão pré-estabelecida. Dessa forma, o solo das intervenções fenomenológicas e gestálticas é fertilizado pela compreensão, e não pela interpretação. Isso permite que terapeuta e cliente caminhem juntos rumo ao novo que se apresentará aos dois (REHFELD, 2013).

O movimento existencialista também integra o tripé que embasa a Abordagem Gestáltica. Carregando como tema central a existência humana entendida na sua particularidade e individualidade, os pensadores existenciais objetivaram “compreender o homem como ser concreto nas suas circunstâncias e no seu viver” (CARDOSO, 2013, P. 60). Livre e responsável pela construção da própria existência, o ser humano não recebe no seu nascimento uma programação da forma como se dará o desenrolar da sua vida. É na sua condição de vir a ser que ele se moldará e

construirá sua essência a partir das escolhas que tomar para si. Alinhada a esses princípios, a Gestalt-terapia assume-se como uma abordagem que trabalha com reflexões em torno da existência humana. Seu caminhar é na direção de facilitar a cada pessoa a expansão da consciência de si no mundo, de forma que habilidades sejam desenvolvidas nas tomadas de escolhas autênticas e responsáveis (CARDOSO, 2013).

Somando-se à fenomenologia e ao existencialismo, o humanismo surgiu a partir da discordância em relação ao foco que algumas abordagens direcionavam a partes do ser humano, desatentando-se à complexidade do todo. Nesse cenário, o movimento da terceira força propôs um olhar considerando o homem como uma totalidade, juntamente às suas potencialidades. A visão holística circunscrita no humanismo favorece que a Gestalt-terapia se associe a ele, já que na prática terapêutica é necessário apreender o ser humano como um ser inteiro. Além disso, ainda faz parte dos preceitos do humanismo a confiança no potencial de crescimento do ser humano, com a qual a Abordagem Gestáltica se identifica (MENDONÇA, 2013).

Fenomenologia, existencialismo e humanismo, juntos, constituem a base da Gestalt-terapia enquanto pressupostos filosóficos. Como visto até então, os movimentos filosóficos contribuem para que a abordagem se proponha a compreender o ser humano na sua singularidade, sem julgamentos e pré-conceitos, de maneira que, ao abordar uma visão holística sobre a pessoa, se facilite o desenvolvimento de competências na realização de escolhas conscientes.

Para a compreensão desses pressupostos da Gestalt-terapia, é necessário considerar como fundamental a influência exercida sobre a abordagem pelo pensamento de campo, visão de mundo holística e teoria organísmica, como pontua Lira (2013). Sobre o pensamento de campo, pode-se afirmar que campo é aquilo que constitui o espaço vital. O homem pode ocupar vários desses campos simultaneamente, pode claramente estar em apenas um desses campos ou pode, ainda, quando há uma diluição do campo, ter a sensação de não estar em nenhum (RIBEIRO, 1997).

O fato de que os campos se inter e intra-relacionam propicia a compreensão da visão de mundo holística. Ainda de acordo com Ribeiro (1997, p. 25), “é a existência de um [campo] que cria a existência do outro, como figura e fundo se revezando”. Assim, entende-se que a visão holística é uma tentativa de cessar modelos reducionistas e isolacionistas muito presentes nas ciências médicas e biológicas da

época em que a Gestalt-terapia se consolidou (LIMA, 2013). Nessa direção, Lima (2008) define que a constituição do universo e de tudo que o compõe começa do Holismo, modelo este em que o organismo humano está inserido.

O conceito de figura e fundo acima citados está interligado à Psicologia da Gestalt, que também constitui a base teórica da Abordagem Gestáltica. Segundo Frazão (2013b), a teoria define que a percepção se organiza entre figura e fundo: a totalidade é percebida pela pessoa e, de acordo com as condições, algo se ressalta e fica mais aparente. Nas palavras de Perls (1973, p. 18), “o homem não percebe as coisas isoladas e sem relação, mas as organiza no processo perceptivo como um todo significativo.”. O que ganha maior enfoque e fica em primeiro plano, nomeia-se como figura, enquanto o fundo é o restante que se localiza num segundo plano. Ambas não são estáticas, mas sim fluidas e permanecem sob a possibilidade de serem modificadas. (FRAZÃO, 2013b).

Por fim, a teoria organísmica de Goldstein também leva sua contribuição teórica à Gestalt-terapia ao considerar “o caráter interacional do ser humano em relação ao contexto que o cerca.” (LIMA, 2013, P. 149). Pensar o ser humano só é possível ao considera-lo um organismo em conexão com um meio geográfico, sociocultural e físico, do qual é pertencente e inseparável. Uma vez que esse ponto de vista é adotado, assume-se que é inerente à natureza do ser humano sua busca pela autorregulação, lei que rege o funcionamento do organismo (LIMA, 2013).

A partir do explicitado pela literatura, entende-se que o homem vive constantemente no campo. Além disso, se torna pessoa pela condição de estar inserido num meio vital que é tecido pela interposição dos campos. Ou melhor, não apenas inserido, mas sim em interação. Essas são as compreensões do pensamento de campo, visão de mundo holística e teoria organísmica, que possibilitam apreender a constituição do homem pelo olhar da Gestalt-terapia. Constituição essa integralmente dependente da sua relação com o mundo que habita.

Visualizar o homem como um ser em constante relação com o meio é considerar que ele se afeta e afeta o meio nessa interação. Isso se torna possível por intermédio da ferramenta do contato. Como já descreve Ribeiro (1997, p. 15) “O contato é o fenômeno pelo qual o encontro ocorre e no qual toda ação humana e psicoterápica se baseia”. Assim, é atribuído ao contato o poder de fazer com que as coisas existam (RIBEIRO, 1997).

Em Existência → Essência, Walter Ribeiro (1998) discorreu sobre sua compreensão de que, ao olhar para o ser humano, deve-se sempre atrelá-lo as suas relações, uma vez que ele existe em contato. Em suas palavras, o homem “é impensável sem o seu meio, sem a sua história, sem as suas vivências passadas e sem os seus sonhos a respeito do futuro [...]” (RIBEIRO, 1998, P. 29). Nessa via, entendê-lo depende da sua contextualização, pois é a partir da relação que o homem se forma e existe.

Se é apontado pelos autores que o contato é imprescindível para a formação do ser humano, presume-se que o homem é aquilo que vivencia. A mesma compreensão se estende ao campo das suas relações, já que aquilo vivido nas interações não pode ser desconsiderado ao buscar captar sua essência. Afinal, foi o ponto de que a existência precede a essência que recebeu enfoque de Ribeiro (1998) no seu trabalho já mencionado, cujo próprio título sintetiza essa ideia base.

Apoiando-se nessa premissa, se torna possível pensar no sofrimento humano. Sendo a existência do homem atrelada ao seu relacionamento com o meio, é a partir dessa relação que suas potencialidades são despertadas. Nesse mesmo movimento, suas vulnerabilidades também (CARDOSO, 2019). As desarrumações internas ao ser humano são resultantes do relacionar-se verdadeiramente. Eis onde mora a origem do sofrimento que se apresenta de forma singular: “no desencontro entre a pessoa com o outro, o qual pode ser experimentado como ausência, falta de suporte, desconfirmação, desqualificação, invasão, abandono, trauma, falta de sentido, solidão, dentre tantos outros.” (CARDOSO, 2019, P. 81).

Essa ideia pode ser complementada pelas contribuições de Pinto (2021). Ele descreve como é marcante na Abordagem Gestáltica o olhar da psicopatologia do desenvolvimento, de forma tal que não se nega a psicopatologia de conflito e defesa, mas a considera como uma derivação do relacionamento com o campo. Psicopatologia de conflito e defesa é um termo apontado no estudo do autor se referindo à compreensão que atribui o sofrimento emocional como interno e derivado de um duelo entre impulsos e a defesa a eles. Por outro lado, existe a compreensão do sofrimento emocional que segue a linha desenvolvimentista, defendendo que o surgimento das desordens ocorre frente a precariedade do vínculo entre as necessidades do indivíduo e as possibilidades promovidas pelo meio em que vive (HYCNER E JACOBS, 1997 APUD PINTO, 2021). A abordagem gestáltica se alinha com maior proximidade da segunda vertente, mas não exclui a primeira. Partindo

desse ponto, firma-se a compreensão de que o homem se constrói e se desenvolve no campo e com o campo. Dessa maneira, o autor reforça que os sofrimentos emocionais se atrelam ao ritmo de desenvolvimento que o compõe.

Esse olhar substancia que o sofrimento humano não se instaura na vida do sujeito desnecessariamente. Se é na relação que o homem se constitui, é também na relação que a dor emerge, e emerge como o resultado do movimento de buscar adaptação e sobrevivência com a utilização das melhores ferramentas dispostas até o dado momento daquela existência. Sendo assim, entende-se que

Os sofrimentos chamados patológicos, assim como os saudáveis, são frutos de complexas teceduras de sentido que inevitavelmente fazemos a cada situação vivida. Nessa tecelagem entram fios históricos, genéticos, ambientais, temporais, espaciais, corporais, afetivos, conscientes e não conscientes; entram fios derivados de configurações de personalidade, provindos de mistérios da existência, tudo isso compondo uma trama única que não se repete nem se refaz, embora possa ser ressignificada. (PINTO, 2021, P. 14).

Dessa forma, é retomado que a constituição do homem acontece a partir de um cenário multifacetado, o que embasa a afirmação sobre a impossibilidade de se definir uma causa do sofrimento existencial. Todavia, Pinto (2021) reforça que, não haver uma causa definida para o sofrimento, não significa que não há uma história. História esta que diz sobre um conjunto de ajustamentos criativos sustentados ao longo da vida de uma pessoa para que seu processo de desenvolvimento siga seu curso.

Sobre o ajustamento criativo, faz-se relevante adentrar no conceito para melhor compreender sua relação com o sofrimento emocional. Sinteticamente, pode-se definir ajustamento criativo como a autorregulação do homem com objetivo de satisfazer as necessidades e equilibrar-se no campo (CARDELLA, 2014). Nessa busca, o contato é uma valiosa ferramenta nesse processo, uma vez que “o contato é a função que revela a necessidade de união e de separação para que possa haver crescimento” (CARDELLA, 2014, P. 113). Isso significa que o contato é condição imprescindível para que haja experiência, que é o solo fértil para o crescimento humano e para possibilidades de atualização.

Falar de ajustamento criativo é falar sobre mudança de estruturas. É atrelar o conceito ao movimento de abertura ao novo, que contrapõe controle externo, aprisionamento e afins. Como já pontua Cardella (2014, p. 115), “é ser capaz de [transformar velhas estruturas], tornando-as singularizadas, vivas e presentificadas”. Por isso, é atribuído ao ajustamento organismo/ambiente a condição inseparável da criatividade.

Se apoiando nessa ideia, é unânime a compreensão de como a criatividade é intrínseca ao ajustamento. Considerando o caráter de adaptação do processo, pensa-se como isso é possibilitado pela plasticidade do movimento criativo. É nessa mesma linha que o sintoma pode ser pensado como o resultado de um ajustamento criativo. Aqui, se fala sobre ajustamento criativo disfuncional, que ocorre frente a desatualização ou desconhecimento de novos recursos. Ainda assim, é preciso saber que, mesmo que de maneira precária, essas reações são as melhores possíveis encontradas pela pessoa em dadas situações (CARDELLA, 2014).

Mesmo que o sintoma se caracterize como um ajustamento criativo disfuncional, é importante ser reforçado que não necessariamente ele exprima uma patologia. Afinal, sofrimento não é sinônimo de adoecimento. A presença de sofrimento não implica na existência de um quadro psicopatológico. O primeiro diz respeito a forma como o ser humano é afetado pelos desafios que perpassam seu existir e rompem o equilíbrio orgânico. Todavia, dois caminhos se traçam diante do ser humano que sofre: reunir forças que predisponham à superação ou cristalizar o sofrimento em um sintoma próprio de uma patologia. É a forma como o sofrimento evolui que determina esse decorrer (CARDOSO, 2019). Para melhor definir, pode-se recorrer ao termo sofrimento existencial, abordado por Pinto (2021), que enfatiza que o sofrimento é uma condição que perpassa o ser humano por inteiro, não se atendo ao campo mental. Afinal, o homem não se resume à sua mente, o que explica o quanto todas as áreas da vida se afetam a partir de um estado sofrido.

Sabe-se que o ajustamento criativo é a busca por autorregulação ao meio, que o sintoma é um modo de o ser humano ajustar-se criativamente diante as necessidades e que o contato é o que propicia a ocorrência desse movimento. Considerando ainda a condição de que o ser humano se constitui a partir da sua inter e intra-relação com o meio, pode-se pensar sobre como o sofrimento enquanto um ajustamento criativo diz respeito a sua busca por ajustar-se. Essa dinâmica é acertadamente ilustrada pela dominação da masculinidade hegemônica. Diz-se de um meio que sustenta um padrão sobre o modo de ser homem enquanto a realidade é composta por expressões diversas da masculinidade. Dessa forma, é questionável se o sofrimento do homem frente a esse ambiente no qual está inserido é um ajustamento criativo que objetiva sua regulação no meio. Um olhar mais atento a essa temática será direcionado nos tópicos seguintes.

3 O CONCEITO DE MASCULINIDADE HEGEMÔNICA

Quando criança, era chamado de bicha
Como se fosse um xingamento
Que mais coisa esquisita
Aprendi que era errado ser sensível
Quanta inocência

Eu tive medo do meu feminino
Eu me tornei um homem reprimido
Meio sem alma, meio adormecido
Um ato fálico, autodestrutivo

[...]

Meu pai foi minha referência de homem forte
Trabalhador, generoso, decidido
Mas ele sempre teve dificuldade de falar
O pai do meu pai também não soube se expressar

Por esses homens é preciso chorar
E perdoar
Essa dor guardada
Até agora, enquanto escrevo
Me assombra se o que eu digo é o que eu devo

Um eco de medo
O que será que vão dizer?
O que será que vão pensar?
(Tiago Iorc, 2021)

Quando o tema masculinidade é mencionado, é natural e, talvez, automático conectá-lo a características que, como aponta Rodriguez (2020, p. 278), dizem respeito a “dominação, força, competição, controle, segurança, proteção,

determinação, etc.". Essa é uma compreensão que permite a lógica de que a masculinidade hegemônica se trata de um modelo que favorece alguns e prejudica a quem não se encaixa nele.

O termo masculinidade hegemônica foi mencionado pela primeira vez em estudos sobre desigualdades sociais por escolas australianas. Sua formulação representa uma relevante influência nos estudos atuais acerca de homens, gênero e hierarquia social, uma vez que teorias feministas do patriarcado e debates sobre o lugar ocupado pelo homem na transformação desse sistema social constituem as fontes básicas do conceito (CONNEL; MESSERSCHMIDT, 2013).

Connel; Messerschmidt (2013) apontam que se define como masculinidade hegemônica um conjunto de práticas que favoreceu a continuidade da dominação masculina sobre as mulheres. Além de afirmarem que ela é normativa, os autores descrevem que "Ela incorpora a forma mais honrada de ser um homem, ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens." (CONNEL; MESSERSCHMIDT, 2013, P. 245).

Essas definições ainda podem ser complementadas pelo estudo de Castro (2018), que buscou discorrer sobre o papel das escolas no combate à masculinidade tóxica. Nessa direção, a autora elencou as premissas mais notáveis da performance de gênero da masculinidade hegemônica: "independência financeira e poder de compra, desprezo pelas atividades e 'virtudes' femininas, indiferença ao perigo e afirmação da autoridade em todos os níveis [...]." (CASTRO, 2018, P. 77).

Pautando-se nas contribuições desses autores, entende-se por masculinidade hegemônica um modelo de padronização da expressão de masculinidade como se houvesse apenas uma maneira de ser homem que se classifica como a correta. Inserido nesse conceito, há a determinação de um modo masculino de ser, marcado por características que remetem à fortaleza e virilidade.

Desde sua formulação no final dos anos 1980 e início dos anos 1990, o conceito de masculinidade hegemônica ganhou utilizações em contextos e espaços diversos. Estudos do campo educacional, pesquisas sobre a representação do homem nas mídias e discussões que envolvem a prática profissional de homens são alguns daqueles apontados por Connel; Messerschmidt (2013). Todavia, os estudiosos sugerem atualizações ao conceito de acordo com a contemporaneidade, se remodelando, assim, algumas características em torno do tema.

Após o conceito ser revisado, ainda se permanece compreendendo que existem expressões múltiplas de masculinidade. A manifestação plural e diversificada da masculinidade combina-se à uma hierarquia entre as suas diferentes formas, na qual a masculinidade hegemônica ocupa uma posição dominante diante as demais. Ainda, Connel; Messerschmidt (2013) defendem que a masculinidade hegemônica não precisa ser um padrão na vida dos meninos e homens, mas que há um movimento da hegemonia que trabalha na direção contrária, com a construção de exemplos e modelos que são difundidos à sociedade por diversos meios. Essa ideia é complementada pelo apelo de Rodriguez em seu trabalho: “Busco a destruição da masculinidade hegemônica e a construção de novas categorias de masculinidades com “s”, masculinidades plurais e diversas. Não existe uma masculinidade, mas sim várias.” (RODRIGUEZ, 2020, P. 284). E, ainda, afirma:

[...] não existe uma maneira certa de ser homem, mas existem variados modos de ser homem, não há apenas uma masculinidade, mas várias. E o grande problema está na desconstrução social, cultural e, portanto, política, de um modelo específico de masculinidade que se põe de forma hegemônica. (RODRIGUEZ, 2020, P 288).

Se, por um lado, há a masculinidade hegemônica definindo e cobrando do homem um papel estereotipado e rígido em padrões, por outro, lida-se com o quão diversas são as expressões das masculinidades, o que se traduz em nem todo homem correspondendo tais ideais. Nessa contraposição, estabelece-se um cenário marcado pela masculinidade hegemônica como o modelo que exerce dominação sobre as demais masculinidades. Em outras palavras, aquele que não corresponde às características que padronizam é lido como menos homem.

É compreendido que a masculinidade hegemônica é uma construção que se adapta ao contexto social e momento histórico em que ocupa. Essa afirmação é trabalhada por Connel; Messerschmidt (2013), que fazem um apontamento sobre como a história se intercrusa à masculinidade no ponto da sua construção:

Pesquisas confirmaram fortemente a ideia da construção histórica e da reconstrução das masculinidades hegemônicas. Tanto no nível local como nos níveis sociais mais amplos, as situações nas quais as masculinidades foram elaboradas mudam ao longo do tempo. (CONNEL; MESSERSCHMIDT, 2013, P. 263).

Não se pode, portanto, encará-la como um conceito rígido e imutável, mas sim como flexível e adaptável, o que, segundo os autores, permite esperanças sobre perspectivas que contemplem redefinições da masculinidade socialmente admirada (CONNEL; MESSERSCHMIDT, 2013). Os autores ainda abordaram um estudo que

aponta a noção de pragmatismo dialético, que compreende mais uma evidência do caráter de flexibilidade do conceito de masculinidade hegemônica. A partir desse ponto, entende-se que há uma influência recíproca entre as masculinidades, o que pode propiciar que padrões de uma masculinidade hegemônica mudem com a incorporação de fundamentos das outras masculinidades (DEMETRIOU, 2001 *APUD* CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013).

Apesar de ser claro o caráter mutável da masculinidade hegemônica, aparentemente não é um movimento recorrente e de fácil observância. Isso por se tratar de um conceito enraizado no modo de ser da sociedade, além da obviedade de que a sociedade patriarcal privilegia esse modo de expressão de masculinidade e o projeta como um modelo a ser seguido. Rodriguez (2020), aliás, pontuou que há reflexos da masculinidade hegemônica em diversas coisas que rodeiam o indivíduo. Se trata de uma materialização cotidiana do padrão. Essa afirmativa propicia concluir que há influência da sociedade sobre os homens que a compõem.

Discutir sobre a influência do meio social nos padrões de masculinidade hegemônica exige que seja retomada a compreensão de que o ser humano se constrói na relação que mantém com seu meio, como já mencionado e mais profundamente discutido anteriormente. Ribeiro (1998) afirmou que a relação é a primeira coisa que existe na vida do ser humano. O homem e a sociedade executam sua construção de maneira mútua por meio da relação. O estudo do autor estima que nos primórdios da espécie humana já ocorria de tal forma, com a necessidade maior de garantir a sobrevivência. Como resultado, havia a disputa por poderes e dominação. Foi nesse cenário que os primeiros hábitos, preconceitos, papéis e crenças sobre si e sobre o outro foram desenvolvidos. Nas palavras de Riberio (1998, p. 33), “O diferente, o novo não podia ser confiável por ser uma possível ameaça à precária ordem estabelecida e à conseqüente e também precária garantia de sobrevivência.”

Essa afirmação do autor acerca de como as relações dos ancestrais humanos possivelmente aconteciam abre um caminho que permite ponderar a masculinidade hegemônica nessas configurações. Tem-se a ideia de que o conceito de masculinidade hegemônica padroniza a expressão da masculinidade a uma única forma de ser homem como a correta. Seguindo esse mesmo fio, pode-se pensar em como as expressões não hegemônicas ocupam o lugar do diferente que incomoda, o que possivelmente favorece a dominação da primeira sobre esta, já que é instituído na sociedade a desconfiança sobre o que se discrepa.

É notório como o meio no qual o sujeito está inserido exerce forte relevância na constituição do seu modo de ser homem. Afinal, como já assinalado anteriormente, se é na relação com o meio que o homem se constitui, é na relação com o meio que a masculinidade hegemônica se instaura e cria suas raízes. O questionamento sobre como se dá a constituição da masculinidade de um homem é realizado por Magalhães (2021) em sua tese de mestrado. Buscar essa resposta, segundo o autor, perpassou o desejo por um significado que conteste o sentido prontamente dado pela sociedade e as inconveniências dele derivadas. Para tal, seu trabalho se baseou em entrevistas que colheram a experiência vivida no mundo dos participantes, se compreendendo, assim, que os dizeres expressam culturas que moldam. Esse entendimento evidencia como os sentidos são recebidos na comunidade através das aceitações e rejeições que esta exprime.

Compreender a constituição do ser homem, e também do ser mulher, como intrínseco ao contexto comunitário é abdicar do pensamento que atribui ao gênero uma constituição naturalizada e biológica. Todavia, Magalhães (2021) assinala ser pouco aceita a ideia que propõe que essa construção se dá no campo social e as definições que perpassam esse fenômeno estão inseridas na cultura. Entende-se, dessa forma, que essa é a vida seguida pelos preceitos da masculinidade hegemônica ao serem internalizados.

Sendo o âmbito cultural aquele que rege e embasa a constituição do ser, pensa-se que também é ele que define que a masculinidade hegemônica tenha as características que tem, de acordo com sua conceituação. Esse ponto propicia questionar por que a principal expressão de masculinidade não é representada por um modelo de homem sensível e consciente sobre suas fragilidades, mas sim por uma representação de fortaleza e virilidade? Toma-se a seguinte afirmação de Ribeiro (1998, p. 33) sobre como, na história, o homem buscou sua adaptação e sobrevivência:

[...] o ser humano forjou-se, foi forjado e forjou a sociedade, da melhor forma que pôde, sempre dentro de grandes limitações contextuais e sempre uns tentando formar (ou deformar) os outros à sua imagem e semelhança, claramente para aumentar a própria garantia e segurança. (RIBEIRO, 1998, P. 33).

Partindo desse ponto, há espaço para se pensar que a masculinidade hegemônica se trata da construção de um conceito que exprime a busca por sobrevivência num dado contexto, o que também explica a característica de ser uma

ideia tão imposta e enraizada. Connel; Messerschmidt (2013) já apontaram que a masculinidade hegemônica é um padrão construído dentro de uma contextualização histórica. Logo, há flexibilidade para reformulações. Em contrapartida, embora essa possibilidade seja reconhecida, fato é que, ainda assim, esse modelo prevalece na atualidade numa configuração bastante presente. Acredita-se que isso se deva a alguns aspectos, apontados por Ribeiro (1998), que ressaltam a dificuldade em se desvincular dessa forma de interagir que busca incansavelmente a própria garantia e segurança. O primeiro se dá por se tratar de um cenário vigente, enquanto o segundo diz respeito ao disfarce com que as pressões acontecem.

O estudo de Castro (2018) permite compreender mais desse caráter enraizado da hegemonia. A autora discorre sobre como é intrínseco ao contexto de vida, tanto do homem quanto da mulher, a imposição de papéis, deveres e posições. À mulher, atribui-se como características naturais a gentileza, a docilidade e a passividade. Já o homem, é visto como aquele que naturalmente é dotado de coragem, agressividade e vigor. A não correspondência dessas características tipificadas, comumente, estabelece um cenário de críticas e reprovações, que são lançadas pelas várias instituições sociais nas quais o sujeito está inserido. Seguindo essa via, é reforçado o quanto o meio social pode ser desafiador e instituir obstáculos na expressão de masculinidades não hegemônicas. Sobre isso, a autora discorre o seguinte:

Poucos ousam driblar as normas de expressão de gênero atribuídas a seu sexo biológico, temendo a rejeição. O medo do estigma e da censura, assim como o medo de perderem o status de 'sexo superior', acaba impedindo muitos homens, jovens e adultos, de serem emotivos, sensíveis, delicados, empáticos (CASTRO, 2018, P. 76).

Essa afirmação posta pela autora incita a pensar sobre como o sistema patriarcal exerce tamanha influência sobre o homem ao ponto de dificultar uma expressão autêntica e genuína do seu modo de ser. Expressar-se com sua emoção não é ser compatível com o modelo de masculinidade a ser seguido. Mas, a quem se refere esse modelo? Quem é compatível com ele? Essa é uma discussão levantada por Magalhães (2020) quando ele questiona a marginalização sofrida pelas masculinidades não heterossexual e cisgênero no contexto social em que se inserem. Mais uma vez, é atravessado o ponto de como o meio infere sobre o indivíduo das formas mais diversas possíveis.

Assim sendo, é defendido ser emergente uma educação que se comprometa com a atenuação das desigualdades, o que se torna possível com o desmonte de

ideias machistas que subsidiam modelos de identidades tanto femininas quanto masculinas. É unânime a compreensão do quanto o machismo favorece os homens, afinal, trata-se da expressão que representa o poder dos homens sobre as mulheres. Todavia, mesmo que as mulheres sejam limitadas pelo machismo no exercício pleno do seu poder e, assim, agudamente prejudicadas, prejuízos também são causados aos homens, exatamente no que tange a uma expressão de masculinidade na direção contrária da hegemônica (CASTRO, 2018).

Já é claro, até aqui, como a padronização do modo de ser homem cria e sustenta uma esfera de dominação, que ocorre claramente entre as expressões de masculinidade. Além disso, há também a subordinação das mulheres. Estar em relação com um meio patriarcal, que impulsiona a dominação de um gênero sobre o outro, inevitavelmente, impacta aquele que ocupa o lugar submisso. Entretanto, ocupar tal posição não é um destino premeditado ao gênero feminino. Isso pode ser melhor sustentado quando se apoia na mesma compreensão sobre a constituição da masculinidade: é no meio, na relação, que o ser se constitui, conforme já citado por Ribeiro (1998). Partindo desse princípio, é na relação com a masculinidade hegemônica que a mulher se constitui também em seu gênero e ocupa, muitas vezes, lugares de desigualdade. Assim, reforça-se ainda mais o apontamento de Castro (2018) acerca do modelo de educação emergente.

Que os padrões de masculinidade hegemônica são prejudiciais às mulheres, isso é um fato. Afinal, como já afirmado em outro momento, o machismo busca privilegiar o homem na sua dominação. Todavia, o que é pouco discutido é como esse sistema mobiliza sofrimento ao próprio homem. Como é para o homem que possui uma expressão de masculinidade compatível com a hegemônica estar nesse lugar? Manter-se homem, tal qual o contexto social ensinou, é mesmo sempre possível? E a vivência daquele homem que possui uma expressão de masculinidade não hegemônica? Como é para ele viver destonando do padrão? Tais questionamentos emergem frente à essa temática e impulsionam a conhecer mais das dores que podem atingir a existência perpassada por um cenário machista.

4 IMPACTOS DA MASCULINIDADE HEGEMÔNICA NOS HOMENS

Ai, ai
Esse homem macho, machucado
Esse homem violento, homem violado
Homem sem amor, homem mal amado

Precisamos nos responsabilizar, meus amigos
A gente cria um mundo extremo e opressivo
Diz aí, se não estamos todos loucos
Por um abraço
Que cansaço!
(Tiago Iorc, 2021)

Compreender a existência do ser humano exige automaticamente conhecer o contexto contemporâneo no qual o indivíduo está inserido. Isso se deve a condição básica de que o sujeito se torna pessoa na sua relação com o meio, o que já foi abordado de forma mais detalhada anteriormente. É também nessa dinâmica que as potencialidades se ressaltam ao mesmo par que o sofrimento emerge.

Partindo dessa compreensão e reconhecendo o sistema machista e patriarcal que engrena a sociedade, é clara a afetação que esse cenário exerce sobre as mulheres, afinal, fala-se do grupo submisso e, por vezes, minimizado. Contudo, reconhecer que há afetações que atingem a outra face dessa dinâmica também é emergente. Fala-se sobre os questionamentos acerca de como os homens são impactados pelo próprio machismo que, substancialmente, os privilegia, mas que, enquanto premissa social, influencia sua constituição enquanto ser-no-mundo. Pensa-se, assim, em diversas configurações desse sofrimento, desde o homem que não se identifica com os padrões de masculinidade hegemônica e se afirma com sua singularidade, se divergindo do padrão, até aquela que diz respeito ao sujeito que age e atua dentro dos preceitos hegemônicos, mas que tem sua sensibilidade reprimida e negada em prol do encaixar-se nesse molde.

As referências que segregam modos de ser homem e mulher são sustentadas por imagens do cotidiano e que se fazem presentes na vida do sujeito desde sua infância. Baliscei; Stein (2016, p. 64) apontam algumas delas: “Cartazes publicitários,

cenar de novelas, catálogos de moda, fotografias de revistas, imagens televisivas, histórias em quadrinhos e personagens cinematográficos [...]”. Tais elementos fazem parte da esfera que circunda a vida e, na relação do indivíduo com o meio, ele se constitui com o que é reproduzido por esses aparatos.

O estudo dos autores ainda constatou como os discursos produzidos na sociedade marcam a separação entre meninos e meninas, delimitando espaços que cada um poderia ocupar e desempenhar. O contexto escolar apresenta ilustrações claras dessas ideias ainda na infância, que se presentificam nas brincadeiras, falas e conduções, muitas vezes, por parte dos educadores. À menina, são direcionadas expectativas vestidas de brincadeiras que remetem a cooperação, cuidados domésticos, materno, valorização da beleza corporal e reforço de uma posição passiva e pacífica. Por outro lado, aos meninos são possibilitadas brincadeiras com carrinhos e ferramentas, jogos que incentivam o uso de força, velocidade, luta, competição e valentia, sustentando o papel social de “macho” (BALISCEI; STEIN, 2016). Embora as cobranças existam às crianças de ambos gêneros, é apontado pela literatura que elas são mais presentes aos meninos.

Baliscei; Stein (2016) reforçam que priorizar o estudo das masculinidades não é desconsiderar as problemáticas existentes no âmbito da feminilidade, nem tampouco sustentar um cenário de disputa sobre qual é o gênero que mais sofre ou é mais cobrado. Assim, apoiando-se nesse esclarecimento dos autores, cabe aqui salientar que, ao voltar um olhar aos impactos que o conceito de masculinidade hegemônica exerce sobre os homens, pretende-se, no presente estudo, dar espaço para reconhecer o sofrimento masculino frente aos atos regulatórios lançados sobre eles, já que “meninos e homens têm sua masculinidade colocada em xeque, diariamente, como se precisam provar (e comprovar) que são “machos”, em uma luta infundável na qual o título de “homem de verdade” nunca é conquistado.” (BALISCEI; STEIN, 2016, P. 64).

Viu-se, até então, que os padrões de masculinidade hegemônica são postos pela sociedade desde a mais tenra idade. Os homens têm seus conceitos de masculinidade construídos desde quando ainda se denominavam meninos, quando o brincar já lhes era proposto com o conceito de “o que é ser homem” intrínseco. As brincadeiras e imagens produzidas na cultura ocidental, que influenciam na construção dos papéis de gênero,

[...] reforçam que meninos não podem “fofocar” e nem “falar fino”. Não podem demonstrar dor e constrangimento. Meninos não podem manifestar medo (afinal, eles não o sentem). Nem chorar os meninos podem. Será que sentem dor? Meninos não podem ser atenciosos, nem sensíveis e muito menos achar outro menino ou homem bonito - no máximo, “gente boa”. Meninos não se sentam de pernas cruzadas e nem podem apoiar as mãos na cintura. Não se interessam por Arte, por moda, por decoração e por culinária. Meninos não sabem e, acima de tudo, não devem rebolar. Não podem dançar. Não devem ter “trejeitos”. Precisam movimentar seus corpos de formas restritamente másculas, das pontas dos pés aos fios de cabelo. (BALISCEI; STEIN, 2016, P. 64).

São determinações que começam a se sustentar na infância do homem, ainda no início da sua constituição enquanto ser, mas que se estendem pela sua existência como um todo. Observa-se que essa construção do papel do homem na sociedade ocorre numa direção de extrema repressão ao sentir. Ao homem, não é permitido acessar as precariedades e fragilidades que fazem parte do seu existir. Essa imposição vai ao encontro da afirmação de Ribeiro (1998) de que, no seu movimento de ajustar-se ao meio para manter sua sobrevivência, o ser humano desenvolveu sua menos-valia e adoeceu a autoconfiança. Nas palavras do autor, “[...] perdemos o contato com o mais íntimo de nós e desenvolvemos essa miríade de papéis sociais estereotipados que está aí em praticamente todos nós [...]” (RIBEIRO, 1998, P 38).

Essa afirmação é vista com clareza no cenário em que o homem, ao longo de toda sua constituição, lidou com o controle da sua masculinidade pela sociedade. Adequar-se aos padrões da masculinidade hegemônica parece ter sido a opção que melhor garantiria a sobrevivência, já que não se render às regras do meio significa o risco de ser ridicularizado. Ao mesmo tempo, é aquilo que facilitou o afastamento da própria interioridade. Essa ideia corrobora as de Miller (1997) sobre o quão essencial na vida é a verdade pessoal, sendo o adoecimento grave a consequência de quando ela é perdida.

Entende-se que não existe uma forma certa de ser homem, mas sim diversos modos de se viver a masculinidade (RODRIGUEZ, 2019). Ao mesmo tempo, isso ocorre numa sociedade que cobra do homem uma expressão masculina hegemônica, como já discutido anteriormente. Quando Miller (1997) discorre acerca de como repressões ocorridas na infância exercem direta influência sobre a vida adulta da pessoa, muitas nuances desse cenário machista e patriarcal podem ser observadas e são passíveis de discussões. Em seu estudo, a autora desenvolveu como é comum e recorrente a ilusão de que aquelas pessoas que são orgulho dos pais, certamente, deveriam apresentar uma autoconfiança bem estabelecida. O que ocorre, na

realidade, com aqueles que são vistos como alguém excepcional e de sucesso é a recorrência do sentimento de vazio, auto-estranhamento e ausência de sentido existencial quando não mais vivenciam a grandiosidade ou falham em algum projeto.

Ao reconhecer que os padrões de masculinidade hegemônica são sustentados pela sociedade, é possível, pautando-se no proposto por Miller (1997), pensar os pais enquanto influência social sobre o homem desde sua infância e os impactos ocasionados nessa relação. Se nesse meio há representações de um ser homem padronizado e cobranças para que este seja cumprido, entende-se que o movimento natural do menino será corresponder a esse ensinamento. Esse entendimento parte da afirmação da autora de que, num cenário marcado pela repressão e cobrança, é comum a criança reprimir os próprios sentimentos, “[...] pois uma criança só os pode vivenciar em companhia de uma pessoa que a entende e a aceita com esses sentimentos.” (MILLER, 1997, P 21).

Essa ideia dá espaço para se refletir sobre as manifestações de masculinidade ainda na infância que não caminham ao lado da padronização hegemônica. Ainda se considerando um cenário de repressão, qual é a possibilidade de o garoto poder expressar-se de forma contrária ao que é imposto? Uma possibilidade inexistente, se conclui, uma vez que, como pontuado por Miller (1997), acomodar-se às necessidades dos pais, comumente, propicia desenvolver o que é chamado de “personalidade como se”, se referindo a uma postura tomada na direção de transparecer aquilo que é esperado da pessoa, que se afasta do verdadeiro *self*.

A não permissão para se viver o verdadeiro *self* limita que este se desenvolva e se diferencie. É comum pessoas que vivem de acordo com essas configurações se queixarem de sentimentos de vazio, falta de sentido e desenraizamento, conforme apontado por Miller (1997). Essa forma de acontecer a predispõe para que, na sua vida adulta, esteja constantemente em busca da aceitação daqueles que compõem suas relações. Essa dinâmica pode ser notada ao se considerar como é a experiência de homens que têm sua expressão de masculinidade não hegemônica reprimida ao longo da vida. Esse cenário, já mencionado anteriormente, ganha agora um olhar no que tange como isso se estende a vida adulta. A ausência de permissão na infância para viver verdadeiramente sua experiência de homem diferente do padrão hegemônico se expande à maior idade, quando o se diferenciar do contexto carrega o risco de não ser aceito.

A ideia de sofrimento masculino até aqui percorrida abordou a experiência do homem que, desde sua infância, é chamado a encaixar-se numa expressão de masculinidade padronizada e, diante uma realidade repressiva, oculta seu verdadeiro *self* e desenvolve uma forma de viver que corresponde à espera que seu meio tem sobre ele. É bem claro, nessa ideia, como o sofrimento se instaura frente a uma forma de viver distante da sua verdade. Por um outro lado, questiona-se sobre como é a experiência, então, do homem que corresponde, na sua vivência, os padrões de masculinidade hegemônica. Qual sofrimento perpassa esse modo de ser? Todavia, de frente para tudo que já foi construído em torno dessa temática até então, emerge o questionamento sobre se existe uma experiência genuína de masculinidade hegemônica ou diz-se apenas da repressão de sentimentos. Retomando a ideia de que para ser homem de verdade não se pode ter as fragilidades, outra inquietação floresce diante disso: e há ser humano que não possui fragilidades? Ou há aqueles que são afastados e se afastam do reconhecimento delas?

Ribeiro (2019) associou o sofrimento humano à liberdade de escolha a qual o ser é condenado permanentemente. Nessa díade, cada pessoa ocupa uma posição de dívida com os próprios desejos. Disso, emerge o sofrimento como resultado de uma caminhada em busca por verdade e possibilidades individuais. O desencontro da liberdade com as possibilidades é o solo fértil para o sofrer, o que faz com que isso seja uma condição da existência humana. Nas palavras do autor, “nasce de nadarmos contra a corrente no rio da vida que nos oferece desembocar no mar, sem nos darmos conta de suas margens sinalizadas” (RIBEIRO, 2019, P. 114).

Ainda de acordo com o autor supracitado, a dor de uma reprimida busca pela liberdade se esconde por trás do sofrimento. Essa afirmação e as demais contribuições de Ribeiro (2019) citadas se somam às de Miller (1997), constituindo, assim, ainda mais respaldo para compreender a dor do sujeito homem frente ao modelo de masculinidade hegemônica que esmaga as expressões não padronizadas. Se poder sentir as próprias fragilidades é considerado um desejo genuíno que nem sempre é atendido, entende-se, então, como emerge o sofrimento nesse cenário. À medida que o meio social vivido pelo homem o molda na expressão da sua masculinidade e o oprime em demonstrar traços que fujam dos padrões, ocorre, assim, a ausência de espaço para seu verdadeiro *self* se destacar. Resta uma forma de viver que conflita liberdade *versus* possibilidades.

Ao tomar conhecimento de toda essa trama, faz-se possível compreender o impacto dos padrões de masculinidade hegemônica ao sujeito homem. O machismo não é um sistema que desconforta apenas o gênero feminino. A cobrança sobre o gênero masculino também desola quem com ele se identifica, seja correspondendo aos padrões de hegemonia e se reprimindo com a sua interioridade, seja não correspondendo o conceito e não entregando as expectativas sociais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É clara e extremamente visível como o sistema machista e patriarcal impregnado nas engrenagens da sociedade afeta as mulheres. Afinal, trata-se do que favorece ao homem um lugar dominante e à mulher uma posição subordinada. Todavia, o que também merece receber luz e estar no centro de discussões e reflexões é como essa máxima causa efeitos negativos aos próprios homens. A padronização em torno do ser homem em meio a comunidade se sustenta a partir das ideias guardadas no termo masculinidade hegemônica, comumente carregando a imagem masculina de virilidade, força e superioridade. Mas esse lugar ofertado ao homem não é tão fiel ao seu ser real, contribuindo, assim, para a instauração de sofrimentos, o que pôde ser constatado e discutido ao longo do presente estudo.

A Gestalt-terapia, lugar de onde se buscou tecer a trama desse trabalho, permite compreender o sofrimento humano como um resultado da sua interação com o meio que habita. O homem está em constante relação com seu campo, na qual afeta o seu meio ao par que é afetado. Uma vez que ele sempre existe em contato, tudo aquilo que diz respeito ao ser humano passa também pelo seu campo relacional. Logo, olhar para o sofrimento humano exige que se olhe para os seus relacionamentos e se considere que a dor é resultado da busca por adaptação e sobrevivência.

Um contexto que pede adaptação ao ser humano homem é aquele que sustenta os padrões de masculinidade hegemônica. O estudo desenvolvido também possibilitou apreender que esse termo engloba uma ideia de que a forma certa de ser homem é aquela que ilustra uma essência de força e virilidade. Assim, pôde-se perceber a maneira como ele se enraíza na sociedade com tanta força. O homem que não se encaixa nessa padronização é criticado e praticamente negado na sua masculinidade, como se existisse apenas uma única forma de expressá-la. Todavia, a realidade abarca masculinidades plurais, com manifestações múltiplas do ser homem.

Olhar o cenário por esse ponto de vista permitiu ainda reconhecer como o sistema patriarcal e machista infere negativamente sobre os homens e, dessa forma, questionar se há algum ser homem genuinamente contemplado nos padrões de masculinidade hegemônica. Essa questão surge a partir da tomada de consciência sobre como o modelo de homem dentro do hegemônico tem um formato que nada compatibiliza com as fragilidades humanas. Foi nessa direção que o estudo deu

espaço para pensar como afetações ocorrem tanto ao homem que não atua dentro dos padrões de masculinidade hegemônica quanto aqueles que estão dentro do modelo. Não se encaixar no padrão e sustentar tal singularidade é enfrentar o risco da rejeição, da censura, mas, na busca por adaptar-se e se fazer parte de uma sociedade que padroniza a vivência da masculinidade, também há desconfortos com o movimento de afastar-se de si mesmo. Com o homem inserido nesse contexto, o emergir do sofrimento se faz real.

Tais construções permitiram responder à pergunta de pesquisa sobre a relação existente entre padrões de masculinidade hegemônica e o sofrimento do homem, além de corresponder ao objetivo de entender como ela se funda. Para tal, utilizou-se dos seguintes objetivos específicos, os quais configuraram o ponto de partida: descrever o conceito de masculinidade hegemônica; investigar o sofrimento psíquico dos homens a partir da Gestalt-terapia. A comprovação desse êxito está na clarificação do ponto de que as imposições do modo de ser homem vindas do meio social contribuem para o emergir do sofrimento, seja por tudo aquilo que um cenário de crítica e rejeição promove, seja por contribuir para o afastamento do *self* verdadeiro. Isso é claramente observado nas experiências da autora na prática de psicoterapia com homens que apresentam suas vivências atravessadas pela masculinidade hegemônica. O desafio em expressar a emoção, em discorrer nas suas falas sobre os medos que permeiam a esfera da vida e em reconhecer fragilidades e limitações se fazem presentes no *setting* terapêutico com a figura do cliente homem.

Ao longo do trabalho, recortes da música “Masculinidade” do artista Tiago Iorc (2021) foram trazidos de forma a ilustrar as nuances que compõem o tema em questão. A soma da arte à essa construção teórica pôde reforçar ainda mais a realidade das experiências masculinas num sistema machista e patriarcal, além de expandir horizontes sobre futuras possibilidades acerca do assunto. Assim, pensa-se ser pertinente que futuros estudos abordem olhares sobre uma conscientização acerca do ser homem, favorecendo a reaproximação dos sujeitos com suas autenticidades por meio do desmonte da masculinidade hegemônica.

Por fim, tomando emprestadas mais uma vez as palavras de Tiago Iorc, reafirma-se a urgência de se reconhecer e validar a pluralidade das masculinidades. É preciso que o ser homem tenha espaço para se construir na sua singularidade:

Ser homem por querer se aprender, todo dia
Dominar a si mesmo
Apesar de qualquer fobia, respeito

Tem que ter peito
Tem que ter culhão pra amar direito
Vou dizer que não?
Esperando sentado por salvação?

Conexão, empatia, verdade
Divino propósito, responsabilidade
Deitar a cabeça no travesseiro e sentir paz
Por ter vivido um dia honesto

Ah
Ser homem exige muito mais do que coragem
Muito mais do que masculinidade
Ser homem exige escolha, meu irmão
E aí?
(Tiago Iorc, 2021)

REFERÊNCIAS

- BALISCEI, João Paulo; STEIN, Vinícius. É difícil ser homem: a (des)construção visual da masculinidade hegemônica no filme Bruno. **Publicatio UEPG – Ciências Sociais Aplicadas**. 2016, Ponta Grossa, v. 24, p. 63-74. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/sociais/article/view/8256>. Acesso em 11 set. 2022.
- BOURDIEU, Pierre (1930-2002). **A dominação masculina**. Tradução Maria Helena Kohner. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. 160p. Disponível em: <https://www.academia.edu/36538728/Pierre_Bourdieu_A_Domina%C3%A7%C3%A3o_Masculina>. Acesso em: 08 jun. 2022.
- CARDELLA, Beatriz Helena Paranhos. Ajustamento criativo e hierarquia de valores ou necessidades. *In*: FRAZÃO, Lílian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima (Orgs.). **Gestalt-terapia: Conceitos Fundamentais**. São Paulo: Summus, 2014. P. 104-130.
- CARDOSO, Cláudia Lins. A face existencial da Gestalt-terapia. *In*: FRAZÃO, Lílian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima (Orgs.). **Gestalt-terapia: Fundamentos epistemológicos e influências filosóficas**. São Paulo: Summus, 2013. P. 59-75.
- CARDOSO, Cláudia Lins. Sobre as dores de existir: uma introdução à psicopatologia em Gestalt-terapia. *In*: _____; GIOVANETTI, José Paulo (Orgs.). **Sofrimento Humano e Cuidado Terapêutico**. Belo Horizonte: Artesã Editora, 2019. P. 75-110.
- CASTRO, Susana de. O papel das escolas no combate às masculinidades tóxicas. **Revista Aprender**. 2018, n. 20, p. 75-82. Disponível em <https://periodicos2.uesb.br/index.php/aprender/article/view/4552/3589>. Acesso em 11 set. 2022.
- CAVALCANTI, Vanessa Ribeiro Simon. Mulheres em ação: revoluções, protagonismo e práxis dos séculos XIX e XX. **Proj. História, São Paulo**, (30), p. 243-264, jun. 2005 Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/revph/article/download/2265/1358/4583>>. Acesso em: 09 jun. 2022.
- CONNELL, Raewyn W; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**. 2013, v. 21, n. 1, p. 241-282. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2013000100014>. Acesso em 08 jun. 2022.
- FRAZÃO, Lílian Meyer. Um pouco da história... um pouco dos bastidores. *In*: _____; FUKUMITSU, Karina Okajima (Orgs.). **Gestalt-terapia: Fundamentos epistemológicos e influências filosóficas**. São Paulo: Summus, 2013a. P.11-23.
- FRAZÃO, Lílian Meyer. Psicologia da Gestalt. *In*: _____; FUKUMITSU, Karina Okajima (Orgs.). **Gestalt-terapia: Fundamentos epistemológicos e influências filosóficas**. São Paulo: Summus, 2013b. P.99-113.

IORC, Tiago. **Masculinidade**. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=V5GUxCQ8rl4>. Acesso em 21 nov. 2022.

LIMA, Patrícia Valle de Albuquerque. A Gestalt-terapia holística, organísmica e ecológica. *In*: FRAZÃO, Lílian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima (Orgs.). **Gestalt-terapia: Fundamentos epistemológicos e influências filosóficas**. São Paulo: Summus, 2013. P.146-156.

LIMA, Patrícia Valle de Albuquerque. O holismo em Jan Smuts e a Gestalt-terapia. **Rev. Abordagem Gestalt.**, Goiânia, v. 14, n. 1, p. 3-8, jun. 2008. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672008000100002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 10 ago. 2022.

MAGALHÃES, Rodrigo Piva Coelho de. **Ser-homem no mundo: uma vista d'olhos da fenomenologia existencial para masculinidades**. 2021. Tese (Mestrado em Educação: Psicologia da Educação) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2021. Disponível em <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/24369>. Acesso em 24 set. 2022.

MEDONÇA, Marisete Malaguth. A psicologia humanista e a abordagem gestáltica. *In*: FRAZÃO, Lílian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima (Orgs.). **Gestalt-terapia: Fundamentos epistemológicos e influências filosóficas**. São Paulo: Summus, 2013. P. 76-98.

MILLER, Alice. **O drama da criança bem dotada: como os pais podem formar (e deformar) a vida emocional dos filhos**. 2ª ed. São Paulo: Summus, 1997.

MORAES, Gladys Costa de; D'ACRI, Rêgo Macedo. (2014). Contato: funções, fases e ciclo do contato. *In*: FRAZÃO, Lílian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima (org.). **Gestalt-terapia: Conceitos fundamentais**. 1. ed. São Paulo: Summus, 2014, p. 31-46.

PERLS, Fritz. **A Abordagem Gestáltica e Testemunha Ocular da Terapia**. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1973.

PINTO, Ênio Brito. **Dialogar com a ansiedade: uma vereda para o cuidado**. 1 ed. São Paulo: Summus, 2021.

REHFELD, Ari. Fenomenologia e Gestalt-terapia. *In*: FRAZÃO, Lílian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima (Orgs.). **Gestalt-terapia: Fundamentos epistemológicos e influências filosóficas**. São Paulo: Summus, 2013. P. 24-33.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. **O ciclo do contato: Temas básicos na abordagem gestáltica**. São Paulo: Summus, 1997.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. Sofrimento humano e o cuidado terapêutico. *In*: CARDOSO, Cláudia Lins; GIOVANETTI, José Paulo (Orgs.). **Sofrimento Humano e Cuidado Terapêutico**. Belo Horizonte: Artesã Editora, 2019. P. 111-127.

RIBEIRO, Walter. **Existência → Essência: Desafios Teóricos e Práticos das Psicoterapias Relacionais**. São Paulo: Summus, 1998.

RODRIGUEZ, Shay de los Santos. Um breve ensaio sobre a masculinidade hegemônica. **Diversidade e Educação**. 2020, v. 7, n. 2, p. 276–291. Disponível em <https://doi.org/10.14295/de.v7i2.9291>. Acesso em 24 set. 2022.